

Fragmento 2

A aderência

A angústia adere - pequena, mão leve, no antebraço; violenta, acaba em sangue. Pode-se empenhar-se em civilizá-la cada vez mais, ela está sempre lá, à espreita; ela surge quando não se espera e tudo cai por terra. É por isso que os psicanalistas, desde Freud, se empenharam em buscar uma angústia mais fundamental que a da castração, a qual suporia um cenário já bem elaborado. Encorajados por Rank e seu trauma do nascimento, que forçou Freud a retomar a questão, eles inventaram a *aphanisis*, o despedaçamento, o colapso, o dismantelamento, o desenraizamento, toda uma série de cenários do terror supostamente mais primitivos, à altura de uma angústia sem limite.

Assim, a angústia de castração deveria ser tratada facilmente: papai-mamãe, xixi-cocô, eu e eu e eu. Mas o outro, aquele que rosna e que ameaça, será que nós o fazemos calar com essas bobagens de veras desgastadas? Aos traumatizados (TEPT, em português), de quem Freud e seus alunos fizeram mais caso do que nós, expliquem então a lei do pai e nos contem o resultado... Nesse ponto, é preciso analisar: em Lacan encontramos essa distinção das angústias e o desconcerto diante das manifestações de uma que seria primitiva com a qual não se saberia muito bem o que fazer? Seríamos, então, conduzidos a reservar às suas manifestações categorias especiais: falso *self*, estado limite, *borderline*, etc.? Ou a angústia que aparece como a mais primitiva não surgiria sempre em um dado contexto significante? Portanto, essa “verdadeira angústia” seria a maneira com a qual se manifesta realmente, para certo sujeito, a realidade da castração, de um modo que ele não queria e nem poderia imaginar, tal é o horror que ela lhe causa.

Tocar nesse ponto não é necessário senão ao psicanalista, se ele quiser acolher uma demanda de verdade que esgotou seus semblantes e que não está pronta para reciclá-los a qualquer preço. Há uma angústia que não tem nome e que Lacan chamou por uma letra, a primeira: *a*. A angústia da impossibilidade de se fazer escutar senão pela dor e pelo mal estar. Poderia também correr o risco, porque há risco aí também, de tentar enganar o horror com o véu mais ou menos gracioso do fantasma, até ele escapar mais uma vez. Se os fantasmas são compartilhados, a maneira com a qual cada um fracassa é contingente, própria a cada um. Nesse ponto, vale a pena ir ver o que se passa e talvez dar um passo para trás para conseguir se descolar do sintoma e acalmá-lo. Como nós fazemos falar os rastros do instante em que tudo escapa? Como nós interpretamos a castração?

Marc Strauss
Agosto de 2023

Tradução: Beatriz Chnaiderman